

**GERAÇÃO COCA-COLA**  
**IDEIAS DE PASSADO, PRESENTE E FUTURO EM PROTONARRATIVAS DA**  
**CANÇÃO ESCRITAS POR JOVENS ALUNOS BRASILEIROS**

**COCA-COLA GENERATION**  
**IDEAS OF THE PAST, PRESENT AND FUTURE IN PROTONARRATIVAS OF THE**  
**SONG WRITTEN BY YOUNG BRAZILIAN STUDENTS**

Luciano de Azambuja<sup>1</sup>

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

**Resumo**

Nas perspectivas do campo da educação histórica, da experiência da cognição histórica situada e da disciplina da didática da história, a intenção do trabalho é compartilhar parte dos resultados da tese de doutorado em educação, intitulada *Jovens alunos e aprendizagem histórica: perspectivas a partir da canção popular* (AZAMBUJA, 2013), que consistiu na investigação das protonarrativas escritas por jovens alunos brasileiros e portugueses a partir das primeiras leituras e escutas de uma canção popular advinda dos seus gostos musicais e da subjacente constituição da consciência histórica tradicional. Mais especificamente, no que diz respeito à pergunta do quarto, último e principal instrumento de investigação do estudo nomeado *Protonarrativas da Canção*, aplicada a jovens alunos brasileiros do segundo ano do ensino médio de uma escola pública da cidade de Florianópolis, a partir da canção de trabalho selecionada, *Geração Coca-Cola* (1985), de autoria de Renato Russo da banda Legião Urbana: **que ideias de passado, presente e futuro são expressas na canção?**

Palavras-chave: canção popular; jovens alunos; ensino e aprendizagem histórica.

**Abstract**

In the perspectives of the field of historical education, the experience of situated historical cognition and the discipline of didactics of history, the intention of the work is to share part of the results of the doctoral thesis in education, titled young students and historical learning: perspectives from the song (AZAMBUJA, 2013), which consisted in the investigation of the protonarratives written by young brazilian and portuguese students from the first readings and tapping of a popular song derived from their musical tastes and the underlying constitution of traditional historical consciousness. More specifically, with regard to the question of the fourth and last research instrument of the main study named *Protonarrativas da Canção*, applied to young Brazilian students of the second year of high school in a public school in the city of Florianópolis, from the work song selected, *Generation Coca-Cola* (1985), written by Renato Russo of the band Legião Urbana: what ideas of past, present and future are expressed in the song?

Keywords: popular song; young students; teaching and learning.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professor de História do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Florianópolis Continente; professor do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Santa Catarina. [lucianodeazambuja@gmail.com](mailto:lucianodeazambuja@gmail.com);

## **Introdução: carências de orientação e interesses cognitivos**

Educação Histórica constitui o campo de pesquisa que tem como objeto a investigação da consciência histórica de sujeitos e a cultura histórica dos artefatos em situações de ensino e aprendizagem histórica. Circunscrita nesse campo de pesquisa da consciência histórica, a *cognição histórica situada* (BARCA, 2007; SCHMIDT, 2009) consiste na efetiva aprendizagem histórica situada nos fundamentos epistemológicos da ciência da história e nas situações concretas em que sujeitos específicos estabelecem relações de ensino e aprendizagem histórica: *é a aprendizagem histórica situada na ciência da história e na situação de aprendizagem histórica*. E o terceiro vértice dessa tríade teórica, a *didática da história*, disciplina científica relativamente autônoma à ciência da história que tem como objeto a aprendizagem histórica como processo de formação da consciência histórica, e a consciência histórica como processo de aprendizagem. (RÜSEN, 2007b, 2012). Em suma, *didática da história é a ciência da aprendizagem da consciência histórica*.

Nessa tripla perspectiva de campo, experiência e disciplina que tece a tríade elementar da teia teórica e empírica, o objeto da tese consistiu na investigação das protonarrativas escritas por jovens alunos brasileiros e portugueses, a partir das leituras e escutas de uma fonte canção advinda dos seus gostos musicais, mediada por critérios de seleção e de uma pergunta histórica formulada pelo professor-pesquisador, e da subjacente constituição da consciência histórica originária e da identidade histórica primeira enraizada na vida prática cotidiana. Os sujeitos da investigação foram jovens alunos brasileiros e portugueses do segundo ano do ensino médio de escolas públicas das cidades de Florianópolis, Brasil, e Vila Nova de Famalicão, Portugal. No caso específico deste artigo nos debruçaremos sobre o caso brasileiro e sobre o instrumento de investigação *Protonarrativas da canção* e sua correspondente hipótese de trabalho.

A escritura de *protonarrativas da canção* a partir das primeiras leituras e escutas de uma canção de trabalho selecionada a partir do gosto musical dos alunos, em resposta a uma pergunta histórica formulada na perspectiva da ciência da história, pode mobilizar as competências, dimensões e temporalidades da consciência histórica originária dos jovens alunos enraizada na vida prática cotidiana, e tende a configurar um ponto de partida significativo, interessante e motivador para os processos de ensino e aprendizagem histórica escolar e a subjacente formação e progressão da consciência histórica e da identidade histórica de jovens alunos do ensino médio.

As hipóteses de trabalho emergiram e foram justificadas, fundamentadas e articuladas nos capítulos teóricos que configuram o quadro conceitual e categorial da tese. Dentre as várias perguntas que emergiram destas hipóteses de trabalho justificadas e fundamentadas teoricamente, selecionamos: (1) Que ideias de passado, presente e futuro são narrativizadas por escrito por jovens alunos do ensino médio, a partir das leituras e escutas de uma fonte canção advinda dos seus gostos musicais? (2) Que conteúdos experienciais (experiência do passado) são rememorados? (3) Que significados históricos (interpretação do presente) são atribuídos? (4) Que sentidos históricos (orientação do futuro) são constituídos?

Na perspectiva do objetivo geral de investigar as protonarrativas da canção escritas por jovens alunos, foram elaborados, testados e afinados os instrumentos de investigação do estudo principal da tese: *Narrativas de vida*; *Gostos musicais & Aulas de história*; *Aula-audição*; e o último e principal instrumento, objeto deste artigo, as *Protonarrativas da canção*. Selecionada a canção de trabalho ao final da *Aula audição*, no próximo encontro professor-pesquisador aplicou o instrumento 4 *Protonarrativas da Canção*, sem nenhuma intervenção, solicitando apenas que os alunos ouvissem o áudio da canção, lessem a letra e realizassem a instrução do enunciado e da pergunta do instrumento: Leia a letra e escute a música da canção **Geração Coca-Cola (1985)** de **Renato Russo** e escreva uma *narrativa histórica* procurando responder à seguinte pergunta: **Que ideias de passado, presente e futuro são expressas na canção?**

*Protonarrativas* são as ideias prévias, as ideias tácitas, os conhecimentos prévios dos alunos; *protonarrativa é pré-história, é pré-narrativa, é a tradição*. *Protonarrativa é a cultura juvenil, é cultura primeira, é a cultura histórica primeira*. *Protonarrativa é a consciência histórica originária que se constitui na vida prática cotidiana*. *Protonarrativa é a manifestação empírica dos enunciados linguísticos de uma consciência histórica originária constituída na vida prática cotidiana, antes da intervenção interpretativa da narrativa histórica e da cultura histórica escolar*.

*Canção popular* constitui uma criação e produção musical característica da cultura ocidental; é um produto da indústria fonográfica cultural, mercadoria estética do capitalismo monopolista do século XX, *o século da canção*. A canção popular é uma totalidade, um complexo de complexos, uma acoplagem indissociável constituída pelos seguintes complexos: **letra**, a palavra, a linguagem verbal, os enunciados linguísticos em suas formas e conteúdos; **música**, a combinação de sons a partir dos seus três fundamentos, harmonia,

melodia e ritmo, substancialmente coloridos pelo timbre; as subjacentes *performances* **vocal** e **instrumental**; e por fim, o **fonograma**; o arquivo, *medium* ou suporte *técnico, tecnológico* e *mercadológico* de reprodução de canções. Quer pelas suas raízes ancestrais, quer pela sua globalização cultural, a canção popular, é um produto do trabalho de criação e produção musical humana, é letra e música, é palavra cantada ou canto falado, acompanhados ou não por instrumentos musicais; é uma onda verbal, sonora e física, portanto, material, concreta e verificável.

Ao cotejar, articular e sintetizar as duas categorias conceituados inferimos a ideia de *protonarrativas da canção*: são as manifestações empíricas dos enunciados linguísticos da consciência histórica originária de jovens alunos a partir das primeiras leituras e escutas de uma *fonte canção* advinda dos seus gostos musicais constituídos na vida prática cotidiana. *Protonarrativas da canção* são os primeiros significados e sentidos atribuídos e constituídos a partir da *experiência estética de recepção de uma canção*, e da concomitante manifestação empírica dos enunciados linguísticos dessas interpretações e orientações da experiência da canção. Nessa perspectiva, circunscrevemos a pergunta histórica de investigação: “Que ideias de passado, presente e futuro são expressas na canção?”.

### **Perspectivas teóricas: protonarrativas, canção popular e tempo histórico**

No início da investigação adotávamos a noção de *conhecimentos prévios*, *conhecimentos tácitos*, ou mais simplesmente, *ideias prévias*, referenciados em Aisenberg e Alderoqui (1994). Apesar da especificidade do caso, psicologia genética e didática de estudos sociais na escola primária, das importantes contribuições do estudo da função dos conhecimentos prévios na aprendizagem de novos conteúdos, e do papel conferido aos alunos como sujeitos protagonistas no processo de aprendizagem, nosso princípio consiste em buscar referenciais teóricos, não nos aportes da pedagogia, didática geral ou da psicologia genética, mas nos fundamentos epistemológicos da própria ciência de referência: a ciência da história. É circunscrito nessa matriz que parafraseamos a nossa questão fulcral: qual a disciplina que investiga os processos cognitivos por meio da qual se constitui o conhecimento especificamente histórico? Segundo nossa matriz teórica, é a própria ciência da história, em sua tripla perspectiva da teoria da história, método histórico e historiografia, em relação intrínseca com as carências e funções de orientação da vida prática humana.

“Há nos fundamentos existenciais do conhecimento histórico, uma unidade prévia entre experiência do passado e perspectiva valorada do futuro?” (RÜSEN, 2001, p. 73). Para

transcender a dicotomia que, por um lado, faz predominar a experiência sobre a interpretação, e por outro, a predominância da interpretação sobre a experiência, ou seja, o dualismo entre objetivismo e subjetivismo, tradição empiricista e tradição hermenêutica, Rösen, dialeticamente propõe que essa alternativa insatisfatória seja “superada por um procedimento que não mais suponha um conhecimento histórico prévio, cujos componentes seriam dissecados e cujas interações seriam investigadas. Inversamente, esse conhecimento tem de ser pensado como algo que emerge de determinados processos da vida humana prática.” (Ibid., p. 74). Os “feitos”, aqui entendidos como processos concretos da vida humana prática, logo, *as ações concretas na vida prática pressupõem um mínimo de orientação no tempo*, ou seja, forçosamente e por necessidade nos orientamos no tempo da vida prática: a orientação do tempo presente unifica a experiência do tempo passado e as intenções com o tempo futuro. Ao se questionar sobre como se constitui a história a partir dos “feitos”, Rösen apresenta uma questão preliminar: já estaria presente nos próprios feitos, uma representação do processo do tempo, passado, presente e futuro, já sintetizados nos feitos da vida humana prática atual? (Ibid., p. 74). Nessa perspectiva, trata-se de uma pré-história dos próprios feitos, não no sentido cronológico, mas como um pressuposto; *é nessa “pré-história” que teria início o processo de constituição de sentido da narrativa histórica, e é a partir dela, que se estrutura o constructo significativo “história”, efetivado mediante a narrativa*. Poder-se-ia falar, pois, de uma pré-história nos próprios feitos. É nela que teria início o processo de constituição de sentido da narrativa histórica e é nela que se fundamentaria o constructo significativo “história” que se efetiva pela narrativa. Essa “pré-história dos feitos”, essa “síntese originária das três dimensões temporais” (RÜSEN, 2001: p. 74), presente no agir intencional da vida prática, antes da intervenção interpretativa da narrativa histórica, constitui o nosso objeto privilegiado de investigação. Apesar dessa “síntese originária”, ainda resta aos historiadores, professores de história, e aos didaticistas da história muito a fazer, pois é a partir dela que se deve construir o constructo significativo de uma “história” mediante o movimento da narrativa, pois *o agir humano jamais ocorre sem pressupostos, em cada ação enraízam-se elementos de outras ações anteriores, de modo que cada ação articula com os feitos de ações já realizadas*.

É nesse sentido que Rösen configura a *tradição como pré-história*; não no sentido cronológico de um passado tratado intencionalmente como história, mas pelo fato de que *o passado está sempre presente nas intenções do agir, antes de qualquer forma de pensamento histórico*. Nessa linha de raciocínio, tradição é um dado intencional prévio do agir, que vem do passado para o presente e influencia as perspectivas de futuro no quadro de orientação da

vida prática atual: “tradição é, pois, o modo pelo qual o passado humano está presente nas referências de orientação da vida humana prática, antes da intervenção interpretativa específica da consciência histórica.” (Ibid.: p. 77). Tradição é a unidade entre *experiência do tempo e intenção no tempo*, é o tempo da natureza transcendido em tempo humano, através da recuperação do tempo ainda antes de quaisquer resgates do tempo realizados pela consciência histórica. Em síntese, *protonarrativa* é a “tradição como pré-história”, a tradição é constituída pelos “feitos”, processos humanos concretos, é a pré-história dos feitos da vida prática, são os conhecimentos prévios e as ideias tácitas, é a “síntese originária das três dimensões do tempo”, é a “cultura histórica primeira”. *Tradição é o passado presente na vida prática antes da intervenção interpretativa da aprendizagem histórica escolar*. Inserido nessa perspectiva categorial de *protonarrativa*, de *tradição como pré-história*, de *cultura histórica primeira*, é que circunscrevemos o estudo principal da tese de doutorado em educação: investigar as *protonarrativas* escritas por jovens alunos a partir das primeiras leituras, escutas de uma fonte canção advinda dos seus gostos musicais, antes da intervenção pedagógica de uma hipotética aula de história planejada, mas como ponto de partida significativo para perspectivas de aprendizagem histórica a partir da canção popular.

**O que é canção popular?** Canção popular constitui uma criação e produção musical característica da cultura ocidental; é um produto da indústria fonográfica cultural, mercadoria estética do capitalismo monopolista do século XX, *o século da canção*. A canção popular é uma totalidade, um complexo de complexos, uma acoplagem indissociável constituída pelos seguintes complexos: **letra**, a palavra, a linguagem verbal, os enunciados linguísticos em suas formas e conteúdos; **música**, a combinação de sons a partir dos seus três fundamentos, harmonia, melodia e ritmo, substancialmente coloridos pelo timbre; as subjacentes *performances* **vocal** e **instrumental**; e por fim, o **fonograma**; o arquivo, *medium* ou suporte *técnico, tecnológico e mercadológico* de reprodução de canções. Quer pelas suas raízes ancestrais, quer pela sua globalização cultural, a canção popular, é um produto do trabalho de criação e produção musical humana, é letra e música, é palavra cantada ou canto falado, acompanhados ou não por instrumentos musicais; é uma onda verbal, sonora e física, portanto, material, concreta, verificável, enfim, real. O poder estético da música sobre o ser humano é apropriado pelo poder econômico, tecnológico e comercial da indústria fonográfica e transformado em um produto da cultura de massa, uma mercadoria musical destinada ao consumo simbólico do ouvinte, cuja função primeira é o prazer estético e a satisfação do público consumidor, e a finalidade última, o lucro da indústria cultural e a manutenção das relações de poder vigentes. A presença empírica, concreta, intersubjetivamente verificável,

enfim, a totalidade da música no tempo diacrônico da vida prática cotidiana e no espaço sincrônico que ocupa todo e qualquer canto, manifesta-se por meio do processo de mediatização produzida pela indústria fonográfica cultural, e a subsequente veiculação das mercadorias musicais nos meios de comunicação de massa que condicionam, apesar da aparente liberdade de escolha, uma escuta aleatória, compulsória e inconsciente que sugere, antecipa e induz ao ato de compra e consumo do fonograma. Apesar da influência da cultura de massa na formação dos gostos musicais dos jovens alunos, devemos considerar o refluxo assimétrico e aleatório dos gostos, tendências e influência das culturas juvenis sobre a sociedade e a própria cultura de massa, ou seja, o processo de juvenalização da sociedade. Registrada mecanicamente, mediatizada e emitida por um suporte-aparelho reproduzidor, a canção popular fonográfica chega como um todo aos ouvidos, pele, músculos, ossos e sistema nervoso, instalando-se na interioridade subjetiva do “eu” e provocando múltiplas recepções, leituras e escutas dos ouvintes em situação de comunicação. A totalidade da canção, o complexo de complexos, a acoplagem indissociável que constitui a unicidade da canção, extrapolam os campos de análise especificamente literários, musicológicos, históricos, estéticos, tecnológicos e mercadológicos, e demandam uma perspectiva de síntese dialética transdisciplinar que procure subsumir as diversas alteridades em uma unidade do diverso. A canção popular apropriada como fonte histórica; transmutada pela inferência em fonte canção que tematiza “história” em suas perspectivas conceitual e categorial; a seleção da fonte canção em função da formulação da pergunta histórica que se pretenda responder; toda essa estratégia metodológica resulta na delimitação da canção de trabalho. A seleção da canção de trabalho constitui o ponto de partida e de chegada de um processo de ensino e aprendizagem histórica que não está subordinado a nenhum conteúdo histórico pré-determinado pelo currículo histórico escolar, ou gênero musical, cantor e grupo de preferência do professor, ou mesmo por se fazer presente como ilustração nos livros didáticos de história. Ao contrário, o conceito histórico substantivo, a categoria histórica epistemológica, ou ainda, a categoria histórica geral a ser trabalhada na aula de história emerge da categorização das protonarrativas de uma canção de trabalho advinda dos gostos musicais dos alunos, e do subsequente recorte temático estabelecido pelo professor de história, com vistas à formação escolar da consciência histórica e da identidade histórica dos jovens alunos em situação de ensino e aprendizagem histórica.

Fundamentado em Le Goff (2003), Topolski (1985), Ashby (2006), Simão (2009) e, sobretudo em Rüsen (2007a), concebemos em uma concepção sintetizadora das noções de documento, monumento e evidência, fonte histórica como todo e qualquer vestígio humano do passado, capaz de nos oferecer informações para a formação de respostas às perguntas

constitutivas de um conceito histórico substantivo: o que aconteceu? Quem, a favor de quem e contra quem? Quando? Onde? Por que e para quê? Como? Consequências e efeitos? Significados temporais: passado, presente e futuro? O conceito histórico é uma resposta a uma pergunta; o conceito histórico é uma narrativa, portanto é também, uma categoria histórica epistemológica; o conceito histórico é uma interpretação da experiência humana no tempo. O conceito histórico é uma objetivação da consciência histórica, o conceito histórico é um artefato da cultura histórica. Qualquer canção popular pode ser apropriada como fonte histórica; depende da pergunta histórica formulada e da disponibilidade e acesso a tal canção que potencialmente pode fornecer informações para a formação da resposta histórica. Mais especificamente, como no caso dessa investigação empírica, uma canção popular pode tematizar um *conceito histórico substantivo*, uma *categoria histórica epistemológica*, ou ainda uma *categoria histórica geral*; nesse caso específico, a inferência que se apropria, seleciona e interpreta a canção popular como fonte histórica para a aprendizagem engendra a *fonte canção*. *Fonte canção* é a canção popular apropriada como fonte histórica para a produção do conhecimento histórico, a *historiografia*; para a pesquisa em ensino e aprendizagem histórica, a *didática da história*; e para efetivos processos concretos de *ensino e aprendizagem histórica*. *Fonte canção* constitui um artefato estético da *cultura histórica* de massa que condiciona e é influenciada pela cultura juvenil advinda da vida prática cotidiana, que por sua vez, se expressa na vida prática escolar na forma de uma *cultura histórica primeira* que pode constituir um ponto de partida motivador de processos de ensino e aprendizagem histórica, a partir das leituras, escutas e escrituras de *protonarrativas da canção*, com vistas à formação de uma *cultura histórica elaborada*, ou seja, a formação da competência cognitiva, narrativa e pragmática da consciência histórica: interpretação e orientação da experiência humana no fluxo do tempo.

O que é “tempo histórico”? Segundo Koselleck, essa é uma das perguntas mais difíceis de responder no campo da historiografia, pois as fontes podem nos fornecer informações sobre ideias e acontecimentos, mas não explicitam diretamente noções de tempo histórico, o que nos remete ao campo da teoria da história: “Quem busca encontrar o cotidiano do tempo histórico deve contemplar as rugas no rosto de um homem, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido.” (2006: p. 14). Koselleck pretende investigar a forma pela qual um determinado tempo presente, a dimensão temporal do passado entra em relação de reciprocidade com a dimensão temporal do futuro: a correlação entre passado, presente e futuro. Sob essa fundamentação, Koselleck apresenta a sua hipótese central: no processo de determinação da “distinção entre passado e futuro, ou usando-se a



terminologia antropológica entre experiência e expectativa, constitui-se algo como um tempo histórico.” (2006, p. 15); ou seja, o “*tempo histórico*” constitui-se mediante o processo de determinação da distinção entre a experiência do passado e a expectativa do futuro. Todas as histórias são construídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que fazem e sofrem a história; *todas as histórias são constituídas por experiências e expectativas*. Nesse sentido, “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” constituem duas categorias históricas determinantes para a distinção, articulação e síntese do “tempo histórico”, que correspondem e equivalem às categorias de espaço e tempo: *espaço de experiência* e *tempo de expectativa*. Nessa linha de raciocínio, *não há experiência sem expectativa, e não há expectativa sem experiência*. A partir dessas metacategorias engendradas na perspectiva da condição temporal antropologicamente universal da experiência humana no tempo, Koselleck chega a sua tese: “experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro.” (2006: p. 308). *A experiência é o passado presente*, um passado no qual os acontecimentos significativos foram incorporados à lembrança e à memória. Na experiência se fundem tanto a dimensão racional quanto as formas inconscientes de comportamento; na experiência do indivíduo, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida a experiência dos outros, ou seja, história como conhecimento das experiências alheias. (2006: p. 310). Em relação à *expectativa*, ela também se realiza no presente, *expectativa é o futuro presente*, perspectivada para o *ainda não* experimentado, para o que apenas pode ser esperado, também mesclando desejos, necessidades e vontades inconscientes com a análise racional de uma expectativa fundamentada na experiência.

Em síntese, *espaço de experiência* é a experiência do passado, é o *passado presente*, é a presença do passado no presente, é o diagnóstico do passado no presente; *horizonte de expectativa* é a expectativa do futuro, é o *futuro presente*, é a presença do futuro no presente, é o prognóstico do futuro. Não há experiência sem expectativa; não expectativa sem experiência: *tempo histórico é o produto da tensão entre experiência e expectativa*. Na perspectiva dessas duas categorias meta-históricas é que vislumbramos uma das chaves de interpretação para identificar o *tempo histórico*, e suas respectivas relações entre as três dimensões do tempo: *passado presente*; *presente passado*; *futuro presente*; *presente futuro*; e por fim, a articulação em uma representação abrangente de continuidade entre *passado presente futuro*. No caso específico da investigação, as metacategorias históricas *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*, articulam essa chave de interpretação dos enunciados linguísticos dos jovens alunos, manifestados empiricamente por meio do último e principal

instrumento de investigação, a escritura das *protonarrativas da canção* a partir da intencional pergunta histórica: *Que ideias de passado, presente e futuro são expressas na canção?*

### **Metodologia da pesquisa, formas e resultados: ideias de passado, presente e futuro em protonarrativas da canção**

A pesquisa histórica consiste no trabalho metodicamente regulado de responder às perguntas históricas formuladas às fontes; nesse sentido, o conhecimento histórico é o processo regulado que vai das perguntas às respostas históricas. No entanto, as perspectivas orientadoras e os métodos de pesquisa histórica são parcialmente distintos das perspectivas orientadoras e dos métodos do ensino de história. Na pesquisa histórica, o quadro de referências é a interpretação e as regras de procedimento do método histórico; já nos métodos de ensino, as perspectivas orientadoras são teorias do aprendizado histórico que explicam o processo evolutivo da consciência histórica, cujos métodos consistem em regras de procedimento de comunicação que intencionam formar a consciência histórica. (RÜSEN, 2001, p. 50-51). Em função dessa diferença qualitativa entre *métodos de pesquisa histórica* e *métodos de ensino de história*, apesar da não exclusão de qualidades mútuas e recíprocas, Rüsen defende a necessidade de uma disciplina científica que se ocupe do ensino e aprendizagem histórica: a didática da história, entendida como, *ciência da aprendizagem da consciência histórica*. Pretendemos cotejar, articular e sintetizar - ao mesmo tempo em que se preserva uma tensão-oscilação entre a relativa autonomia e interdependência mútua dos complexos- os *métodos da pesquisa histórica* da ciência da história e suas operações processuais e substanciais, com os *métodos da pesquisa em aprendizagem histórica*, que resultam nas perspectivas orientadoras da didática da história, com vistas a projeções possíveis de *métodos de ensino de história* a partir da canção popular. Além dos pressupostos teóricos de Rüsen (2007b; 2012) acerca da didática da história e dos subjacentes processos de aprendizagem histórica, para reforçar a natureza qualitativa da investigação, dialogamos com as premissas da abordagem da *Grounded Theory*, fundamentada na pesquisa social etnográfica orientada “para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais.” (FLICK, 2004, p. 28). Em resumo, trata-se de uma pesquisa histórica de natureza qualitativa, sociológica e etnográfica em ensino e aprendizagem histórica a partir das leituras, escutas e escrituras da canção popular apropriada como fonte histórica.

Nessa direção, o percurso metodológico consistiu na formulação das perguntas históricas à luz das perspectivas teóricas; na aplicação das perguntas aos sujeitos investigados e no estímulo à escritura de *protonarrativas da canção*; o próximo passo metódico da extração, codificação e categorização das informações das respostas escritas pelos alunos, e por fim, a formatação das respostas empíricas dos alunos e das respostas teóricas do pesquisador às perguntas históricas de investigação.

A interpretação se dá mediante a operação processual que transforma informações, dados e fatos em “histórias”: “como ela transforma fatos em histórias, deve ser considerada como a operação de pesquisa própria, especificamente histórica.” (RÜSEN, 2007a, p. 127). A apresentação da resposta histórica, ou seja, a *interpretação*, já não mais pertence à pesquisa em sua tarefa de extrair as informações empíricas das fontes, mas trata-se da operação que formata historiograficamente os resultados obtidos por meio das fontes. A interpretação é uma resposta a uma pergunta; a pesquisa se completa na interpretação. A partir dessa noção de *interpretação histórica* advinda da pesquisa histórica historiográfica apropriada didaticamente na perspectiva de uma pesquisa histórica qualitativa em ensino e aprendizagem histórica, é que buscamos interpretar os dados, informações e fatos extraídos, codificados e categorizados das fontes narrativas *protonarrativa da canção*: “as informações das fontes só se tornam fatos históricos mediante a operação metódica da interpretação.” (RÜSEN, 2007a: p. 129).

Selecionada a canção de trabalho, o professor-pesquisador efetivou a aplicação do último e principal instrumento de investigação do estudo principal da tese de doutorado. “PROTONARRATIVAS DA CANÇÃO; Leia a letra e escute a música da canção **Geração Coca-Cola**<sup>2</sup> (1985), de autoria de **Renato Russo** e escreva uma *narrativa histórica* procurando responder à seguinte pergunta: **Que ideias de passado, presente e futuro são expressas na canção?**”. *Protonarrativas da canção* são as manifestações empíricas dos enunciados linguísticos da consciência histórica originária de jovens alunos a partir das primeiras leituras e escutas de uma *fonte canção* advinda dos seus gostos musicais configurados na vida prática cotidiana, antes da intervenção da aula de história. Na perspectiva da tarrafa conceitual e categorial, e dos quadros das múltiplas relações temporais, procuramos sistematizar os resultados obtidos em uma primeira *interpretação histórica* a qual

<sup>2</sup> Temos plena ciência que canção é letra e música e recomenda a leitura da letra e a audição da música. Mas para todos os fins, segue a letra da canção GERAÇÃO COCA-COLA (1985) de Renato Russo. “Quando nascemos fomos programados / A receber o que vocês nos empurraram / Com enlatados dos USA., de 9 às 6 / Desde pequenos nós comemos lixo / Comercial e industrial / Mas agora chegou nossa vez / Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês / Somos os filhos da revolução / Somos burgueses sem religião / Nós somos o futuro da nação / Geração Coca-Cola / Depois de vinte anos na escola / Não é difícil aprender / Todas as manhas do seu jogo sujo / Não é assim que tem que ser? / Vamos fazer nosso dever de casa / E aí então, vocês vão ver / Suas crianças derrubando reis / Fazer comédia no cinema com as suas leis.

denominamos “Orientação no Tempo”, e que abarca as *ideias de passado, presente e futuro* escritas pelos jovens alunos a partir das leituras e escutas de uma fonte canção advinda dos seus gostos musicais. Nesse sentido, os objetivos modestos desse artigo se restringirão a distinguir essas ideias de *passado, presente e futuro*, de forma isolada, artificial e analítica, sem apresentar a subsequente inferência das múltiplas relações entre *passado presente e presente passado, e futuro presente e presente futuro*, para enfim, sintetizar as complexas, irredutíveis e cotidianas relações *passado presente futuro* enquanto *permanência* e como *mudança*.

No caso das protonarrativas da canção *Geração Coca-Cola* escritas pelos jovens alunos brasileiros, em relação às **ideias de passado**, verificamos que um terço da amostra constituída por 23 estudantes, fez referências a um *passado indeterminado*: um passado vago, genérico e abstrato perdido no tempo; um passado que paira e flutua descolado das coordenadas do tempo e do espaço e que constitui “*o sistema*”; um passado atípico constituído de sujeitos genéricos, sem rosto e personalidade, “*as pessoas*”, “*os superiores*”, “*os brasileiros*”, cujas ações descontextualizadas de experiências, significados e sentidos, não dizem respeito a processos reais humanos acontecidos na sucessão do tempo, mas sim às inferências atribuídas pelos jovens alunos à canção a partir da sua cultura histórica primeira: “*Quando a música fala sobre nascimento das pessoas, ideia de passado, o que se passava na época que nasceram as pessoas*”.

Um segundo elemento recorrente nas protonarrativas escritas pelos jovens alunos brasileiros, consiste em uma *ideia de passado* associada à *influência dos Estados Unidos* sobre o Brasil a partir das inferências feitas ao enunciado da letra da música “Com os enlatados dos USA, de 9 às 6”. Observamos inúmeras e diversas referências feitas pelos jovens alunos ao recorte temático que designamos na perspectiva da investigação de *Americanização do Brasil*. Um pouco menos da metade da amostra de alunos fez referências à influência política e cultural dos Estados Unidos e de outros países sobre o Brasil. Segundo as protonarrativas destes alunos, o Brasil é “*fortemente influenciado*” pelos outros países do “*primeiro mundo*” e principalmente pelos Estados Unidos. Um jovem aluno identificou na canção uma crítica à “*forma que aceitamos a cultura e o poder que vem da América do Norte*” e que nos são impostos sem questionamento; a partir dessa “*influência que vem de fora*” adquirimos seus “*costumes, desde o modo de comer, até o de se vestir*”:

Dois quintos da amostra de jovens alunos fizeram referências específicas à subordinação econômica do Brasil em relação aos Estados Unidos caracterizada principalmente pela importação de produtos industrializados. Segundo tais protonarrativas, “*o*

*Brasil só importava dos E.U.A, por questões políticas de estado*”; *“fomos forçados a consumir produtos importados dos Estados Unidos da América por preços cada vez mais altos*”. A partir da inferência da letra da música “nos empurraram com os enlatados USA., das 9 às 6”, alguns jovens focaram em uma interpretação limitada do termo “enlatados”. Um *passado enlatado* que reduz o significado do termo a “*comida enlatada*” sem se reportar a outro significado possível de ser inferido a partir do fragmento da letra da canção: a programação televisiva norte-americana massificada pela emergente televisão brasileira, e da subsequente popularização dos aparelhos de televisão para a “nova” classe média surgida na esteira do dito “milagre econômico” da época. Nesse *passado enlatado*, os jovens alunos fizeram referências aos produtos típicos da indústria de alimentos associada aos Estados Unidos e naturalmente sugerido pelo título da canção: “*Coca-cola a famosa bebida gaseificada que surgiu nos EUA*”, o “*fast food*” e o “*McDonald’s*”. Todavia, um pouco menos da metade da amostra de alunos, fez referências a formas possíveis de resistência a esse processo de influência econômica, política e cultural dos Estados Unidos sobre o Brasil.

Ainda em relação às *ideias de passado*, apesar de não haver nenhuma menção direta e explícita nos enunciados da letra da música que remeta a tal, os jovens alunos inferiram e expressaram conceitos históricos substantivos: *Ditadura Militar Brasileira; Diretas Já; Segunda Guerra Mundial; Guerra Fria e Revolução Industrial*. Em relação ao conceito histórico *Ditadura Militar Brasileira*, dois alunos fizeram referências ao ano de lançamento da canção, 1985, que constava entre parênteses ao lado do título da canção da letra impressa entregue aos alunos quando da escritura das *protonarrativas da canção*, inferindo de forma pertinente ao “*final da Ditadura Militar do Brasil*”. O significado da palavra “revolução”, cantada no refrão da música (“somos os filhos da revolução”) e que, no contexto da canção, pode remeter a denominada “Revolução de 1964” ou ao “Golpe Militar de 1964” que instaurou a ditadura militar no Brasil, entretanto remeteu aos jovens alunos às “*rebeliões*” em uma referência as “*diretas já*” que, segundo eles, determinaram o “*fim da ditadura militar no Brasil*”, o que coincide com o período em que a canção *Geração Coca-Cola* foi lançada, 1985. Os conceitos históricos substantivos *Segunda Guerra Mundial* e *Guerra Fria* foram inferidos a partir de uma *protonarrativa* considerada desarticulada por justamente focar a constituição narrativa de sentido exclusivamente na questão da “*importação de produtos*” dos Estados Unidos, portanto, uma inferência não fundamentada, mas que constituem conceitos históricos que, no contexto da canção, podem ser perfeitamente articulados e relacionados em uma hipotética aula de história. Processo semelhante ocorreu com um jovem em relação ao conceito histórico *Revolução Industrial* que foi mobilizado para contextualizar a dependência

econômica do Brasil em relação aos Estados Unidos, mas que no contexto da canção de trabalho, infere potencialidades de contextualização histórica. E por fim, emergiram principalmente das protonarrativas que apresentaram um *passado indeterminado*, categorias históricas gerais que pela sua própria especificidade remetem à generalidade: “*revolução*”, “*ditadura*”, e “*capitalismo*”.

A canção expressa e os jovens alunos inferiram *conceitos históricos substantivos* e *categorias históricas gerais* a partir das leituras e escutas da canção *Geração Coca-Cola* e manifestaram empiricamente suas *ideias de passado* por meio dos enunciados linguístico de suas protonarrativas escritas. Em suma, emergem das protonarrativas da canção escritas pelos jovens alunos três *ideias-imagens de passado* predominantes: um *passado indeterminado*; a *influência dos Estados Unidos*; e os conceitos históricos substantivos *Ditadura Militar Brasileira* e *Redemocratização*, além das *categorias históricas gerais*, *ditadura*; *revolução*; e *capitalismo*. Em síntese, a fonte canção, letra e música mediatizada que tematiza “história”, a partir de inferências às letras das músicas e ao ano de lançamento, pode mobilizar a *experiência do passado*: um *passado histórico* que remete, infere e expressa conceitos históricos substantivos, categorias históricas epistemológicas e categorias históricas gerais; um *passado da canção* que se limita a inferir os enunciados primeiros da canção em sua interpretação estética do passado; e por fim, a inferência lacunar por parte dos jovens de um *passado indeterminado, desterritorializado e a-histórico* em que não se sabe o que foi o caso, e que necessita ser historicizado para responder esta e outras perguntas constitutivas de um *conceito histórico substantivo*.

Em relação às **ideias de presente** expressas nas protonarrativas de jovens alunos brasileiros, verificamos que um terço dos alunos fez referências ao *presente* representado na canção, ou seja, o *presente da canção* inferido pelos jovens alunos a partir das suas leituras e escutas de *Geração Coca-Cola*. Referenciados em enunciados da letra da música, “Mas agora chegou nossa vez / Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês” e “somos os filhos da revolução”, os alunos representaram esse *presente da canção* como um momento em que os jovens brasileiros expressaram a sua revolta, manifestaram a sua opinião e fizeram-se ouvir, exibiram o poder da sua juventude e da sua voz, lutaram por seus direitos, e rejeitaram o “lixo comercial e industrial” cuspidando-o de volta em cima do *outro* da canção:

*Então em relação ao presente ele reverte esta situação, o compositor deixa claro quando diz “mas agora chegou a nossa vez”, “somos os filhos da revolução”, ele quer de qualquer forma, reverte a situação em que nosso país passava durante a Ditadura Militar, ele*

*quer ser ouvido, quer deixar claro que tem sua opinião e que sendo jovem ele tem muito poder em suas mãos.*

Solange, 18 anos

Em outra perspectiva, verificamos que outro terço da amostra inferiu **ideias de presente** relacionadas à *vida prática atual* a partir da ideia de presente representada na canção. Na perspectiva do *presente como mudança*, as transformações realizadas pela “Geração Coca-Cola” que lutou pelo fim da ditadura militar no Brasil, permanecem no tempo presente influenciando as novas gerações a continuarem “*se rebelando em busca de justiça e igualdade*” e a se contraporem à força do poder econômico. A geração atual é o “*futuro da nação*” e por isso tem que fazer a sua parte na construção de um país melhor onde a diversidade cultural permita a convivência pacífica entre identidade e alteridade, e a tecnologia proporcionada pela influência estrangeira possa servir como ferramenta de contestação dessa própria influência. Por outro lado, somente dois jovens alunos expressaram uma *ideia de presente* vinculada à vida prática atual em que o presente se apresenta como permanência e continuidade da influência dos Estados Unidos sobre o Brasil.

Em resumo, podemos identificar nas protonarrativas escritas pelos jovens alunos brasileiros a partir das leituras e escutas de *Geração Coca-cola*, três **ideias de presente** a partir da fonte canção: um *presente da canção*; um *presente prático como mudança*; e um *presente prático enquanto permanência*. Um *presente da canção* que é o agora da vez da *geração coca-cola* cuspir de volta o lixo em cima do outro da canção; um *presente da canção* que também remete ao ano do lançamento do primeiro disco da Legião Urbana que trazia a música *Geração Coca-Cola* e que de certa forma anunciava o que estava acontecendo na vida prática concreta: os filhos nascidos durante a vigência do regime militar são as crianças vislumbradas “derrubando reis” e ajudando a acabar com a ditadura no processo denominado *redemocratização do Brasil*. Por outro lado, manifestou-se também nas protonarrativas, um *presente prático como mudança*, que corresponderia à *geração coca-cola da atualidade*, a atual geração de jovens do Brasil que constitui hoje o futuro, que a exemplo da geração passada, tem que fazer a sua parte para construir um país melhor e ajudar a combater os “reis” dos dias de hoje e a se livrar de todo o lixo que impede a consolidação de uma sociedade mais justa e menos desigual. E por fim, um *presente prático enquanto permanência* da influência do poder e da cultura da “*América do Norte*” sobre o Brasil e os brasileiros. A canção popular pode dinamizar a *interpretação do presente*. A canção popular fonográfica, a cada vez que é

atualizada na *performance oral mediatizada* não deixa de constituir uma *interpretação estética do presente* que pode remeter tanto à vida prática atual quanto ao *presente da canção* que atualiza o passado e se presentifica na audição, recepção e comunicação, mobilizando o leitor-ouvinte, a partir da interpretação estética da canção, à perspectivas de orientação política-identitária na vida prática atual. A partir do presente epistemológico de onde germinam todas as inferências e relações temporais, vislumbramos uma experiência estética da canção como meio para interpretação histórica do presente, e uma interpretação estética da canção como meio para a experiência histórica do passado.

Em relação às **ideias de futuro**, os jovens alunos brasileiros manifestaram em suas protonarrativas as interpretações atribuídas às ideias de futuro expressas *na canção*. Nesse *futuro da canção* o “*amanhã*” depende da “*população jovem*” e esse futuro será completamente diferente do tempo presente; nesse *futuro da canção* interpretado pelos jovens, as novas gerações darão continuidade às mudanças iniciadas pela geração anterior; nesse *futuro da canção* as pessoas acordarão para a real situação do país. Os jovens também remeteram a projeções de futuro mais relacionadas à vida prática atual, ou seja, um *futuro prático* como *mudança*. Nesse *futuro prático*, o futuro é visto como mudança revolucionária para melhor; a partir da canção, o discernimento do “*certo*” e do “*errado*”, poderá mudar o futuro e a vida das pessoas:

*Mas também diz a música que futuramente, as pessoas abrirão os olhos para o que realmente acontece e o como é a situação no país e então agirão de maneiras diferentes.*

Cássia, 16 anos

Em síntese, a canção de trabalho pode dinamizar a *orientação do futuro* da consciência histórica originária dos jovens alunos. Um *futuro da canção* representado a partir das condições e circunstâncias da vida prática atual e que se projeta no futuro como continuidade do presente; ou um *futuro da canção* resultado de um prognóstico feito no passado e que se concretiza no presente e, a partir de então, passa a fazer parte do passado, mas que volta a se presentificar a cada nova *performance* da canção.

Os limites deste artigo nos levam a modesta proposta de isolar, separar e fragmentar artificialmente a categorização das ideias de *passado*, *presente* e *futuro* narrativizadas por jovens alunos brasileiros a partir das primeiras leituras e escutas de uma fonte canção advinda dos seus gostos musicais. Na tese pudemos estabelecer as intrínsecas, complexas e



irredutíveis relações entre as três dimensões temporais do *tempo histórico*, ou em outras palavras, o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativa* que tecem o fio condutor que interliga passado, presente e futuro na constituição histórica de sentido. Nesta primeira visão esquemática apresentamos um quadro esquemático sobre as **ideias de passado, ideias de presente e ideias de futuro**, interpretadas de forma separada para nos auxiliar no estabelecimento das múltiplas relações entre as três dimensões do tempo histórico: ideias de passado, presente e futuro expressas nas protonarrativas da canção *Geração Coca-Cola*. Um passado indeterminado, norte-americanizados e que remete às experiências da ditadura militar brasileira e o processo de redemocratização. Um presente da canção, o presente expresso na canção, um presente prático ora como mudança, ora como permanência. Nesta mesma perspectiva, um futuro da canção, a ideia de um futuro prático como mudança expressa na canção: “somos o futuro da nação, geração Coca-Cola”.

### **Funções de orientação e perspectivas de investigação**

*Protonarrativas da canção* são as manifestações empíricas dos enunciados linguísticos da consciência histórica originária de jovens alunos a partir das primeiras leituras e escutas de uma fonte canção advinda dos seus gostos musicais configurados na vida prática cotidiana. Protonarrativas da canção são interpretações da canção inferidas a partir da escritura de uma resposta à pergunta histórica formulada à canção; constituem os primeiros significados e sentidos atribuídos e constituídos a partir da experiência estética de recepção da canção, e da concomitante manifestação empírica dos enunciados linguísticos dessas interpretações e orientações da experiência da canção. As protonarrativas da canção podem mobilizar as dimensões temporais da consciência histórica dos jovens; passado, presente e futuro e as múltiplas relações entre as três dimensões do tempo histórico: ***passado presente; presente passado; futuro presente; presente futuro***; bem como as relações ***passado presente futuro***, enquanto ***permanência*** e como ***mudança***. Sempre partindo do presente epistemológico, podemos pressupor que a relação estabelecida com determinada ideia-imagem de passado, condiciona e substancia os significados atribuídos à ideia-imagem de presente e os sentidos constituídos à ideia-imagem de futuro, o que por sua vez, acaba por substanciar e condicionar as respectivas e correspondentes operações de constituição histórica de sentido. As condições e circunstâncias objetivas da vida prática atual dos sujeitos condicionam, substanciam e orientam as relações temporais estabelecidas com determinadas *ideias-imagens* do espaço de experiência e dos horizontes de expectativa dos sujeitos em

situação de ensino e aprendizagem histórica. Não há espaço de experiência sem horizonte de expectativa; não há expectativa sem experiência; não há experiência do passado sem interpretação do presente; logo, não há interpretação sem experiência; por sua vez, não há interpretação sem orientação, portanto, não há orientação do futuro sem interpretação do presente. Nesta perspectiva temporal, não há continuidade sem mudança e não há mudança sem continuidade: **a mudança e a capacidade de mudar no fluxo do tempo configuram a condição fundamental para a constituição de uma consciência histórica ontogenética que consiste na interpretação e orientação da experiência da mudança humana no tempo.** Na perspectiva da aprendizagem histórica, consciência histórica é a consciência com ciência do tempo histórico na vida prática: competência cognitiva-racional, estético-narrativa e político-identitária de **interpretação** (atribuição de significados) e **orientação** (constituição de sentidos) da **experiência** da mudança humana *do* tempo (tradicional), *sobre* o tempo (exemplar), *contra* o tempo (crítica) e *no* tempo (genética).

As leituras e escutas da canção de trabalho podem mobilizar a *experiência do passado*: um **passado histórico** que infere conceitos históricos substantivos, categorias históricas epistemológicas e categorias históricas gerais; um **passado da canção** que se limita a interpretar os enunciados primeiros da canção em sua interpretação estética do tempo; e por fim, a inferência lacunar por parte dos jovens de um **passado indeterminado e a-histórico** que necessita ser historicizado para responder as perguntas constitutivas de um *conceito histórico substantivo*: o que aconteceu? Quem, a favor de quem e contra quem? Quando? Onde? Quanto? Por quê? Para que? Como? Consequências e efeitos? Significados da experiência: passado, presente e futuro?

A canção popular atualizada na *performance* oral mediatizada pode configurar uma *interpretação estética do presente* que pode remeter tanto ao **presente prático** quanto ao **presente da canção** que atualiza o passado na audição, recepção e comunicação, mobilizando o leitor-ouvinte à perspectivas de orientação política-identitária na vida prática atual. A partir do presente epistemológico de onde emergem as inferências e relações temporais, vislumbramos uma **experiência estética da canção** como meio para **interpretação histórica do passado presente**, e uma **interpretação estética da canção** como meio para a **experiência histórica do presente passado**, em suma, a recepção estética como veículo para o efeito histórico. A canção de trabalho pode dinamizar a *orientação do futuro* da consciência histórica originária dos jovens alunos: um **futuro da canção** representado a partir das condições e circunstâncias da vida prática atual e que se projeta como continuidade ou mudança do presente em um **futuro prático**. A escritura de protonarrativas a partir das

primeiras leituras e escutas de uma fonte canção advinda dos seus gostos musicais, pode mobilizar consciência histórica originária e constituir um ponto de partida significativo para processos de ensino e aprendizagem histórica de jovens alunos e alunas do ensino médio.

## REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, L. **Leitura, canção e história**: Mundo Livre s/a contra o Império do Mal. Florianópolis, 2007. 149f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina.

\_\_\_\_\_. **Jovens alunos e aprendizagem histórica**: perspectivas a partir da canção popular. Curitiba, 2013. 500f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

BARCA, I. Investigação em Educação Histórica: possibilidades e desafios para a aprendizagem histórica. In: **Atas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica: perspectivas de investigação em Educação Histórica**, VI, 2007, Curitiba: Ed. UTFPR, v.1, 2007.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamim. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

RÜSEN, J. **Razão histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. **Reconstrução do passado**. Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Trad. Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. **História viva**. Teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. **Aprendizagem histórica**: fundamentos e paradigmas. Trad. Peter Horst Rautmann, Caio da Costa Pereira, Daniel Martineschen, Sibebe Paulino. Curitiba: W.A. Editores, 2012

\_\_\_\_\_. **Teoria da história**: uma teoria da história como ciência. Trad. Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SCHMIDT, M. A., BARCA, I. (org.). **Aprender história**: perspectivas da educação histórica. Ijuí: Ed. Unijui, 2009.